

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO
THE NEW YORK TIMES



OS SOL
TAMBÉM
É UMA
ESTRELA

nicola yoon

*Para minha mãe e meu pai, que me ensinaram
sobre os sonhos e como alcançá-los*

*“A poesia do pôr do sol não ficará prejudicada
se soubermos um pouco sobre ele.”*

– Pálido ponto azul, Carl Sagan

*“Será que ousou
Perturbar o universo?
Em um minuto há tempo
Para decisões e revisões que em um minuto irão se reverter.”*

– A canção de amor de J. Alfred Prufrock, T. S. Eliot



prólogo

CARL SAGAN AFIRMOU QUE, se você quiser fazer uma torta de maçã desde o início, precisa primeiro inventar o Universo. Quando ele afirma “desde o início”, quer dizer a partir do *nada*. Quer dizer a partir de um tempo anterior à existência do mundo. Se você quiser fazer uma torta de maçã a partir do nada, precisa começar com o Big Bang, universos em expansão, nêutrons, íons, átomos, buracos negros, sóis, luas, marés oceânicas, Via Láctea, Terra, evolução, dinossauros, eventos de extinção, ornitorrincos, *Homo erectus*, homem de Cro-Magnon, etc. Precisa começar do início. Precisa inventar o fogo. Precisa de água, solo fértil e sementes. Precisa de vacas, pessoas para ordenhá-las e mais pessoas para bater esse leite até virar manteiga. Precisa de trigo, cana-de-açúcar e macieiras. Precisa de química e biologia. Para uma torta de maçã realmente boa, precisa das artes. Para uma torta de maçã que dure gerações, precisa da prensa gráfica e da Revolução Industrial, e talvez até de um poema.

Para fazer uma coisa simples como uma torta de maçã, você precisa criar o mundo inteiro.



daniel

Adolescente aceita o destino, concorda em virar médico; estereótipo.

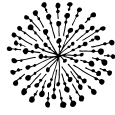
É culpa do Charlie se meu verão (e agora o outono) se tornou uma sequência de acontecimentos absurdos. Charles Jae Won Bae, vulgo Charlie, meu irmão mais velho, primogênito de um primogênito, surpreendeu meus pais (e os amigos deles, e também toda a fofoqueira comunidade coreana de Flushing, Nova York) ao ser expulso da Universidade Harvard (a *Melhor Escola*, disse minha mãe quando a carta de aceitação chegou). Agora ele foi expulso da *Melhor Escola*, e durante o verão inteiro minha mãe ficou carrancuda, sem acreditar e sem entender direito.

Por que suas notas tão ruins? Eles expulsa você? Por que eles expulsa você? Por que eles não faz você ficar e estudar mais?

Meu pai diz: *Não expulsa. Eles suspende. Não é igual expulsar.*

Charlie resmunga: *É temporário, só por dois semestres.*

Sob esse tiroteio impiedoso, feito de confusão, vergonha e desapontamento dos meus pais, eu quase me sinto mal pelo Charlie. Quase.



natasha

MINHA MÃE DIZ QUE É HORA de eu desistir, que o que estou fazendo é inútil. Está chateada, por isso seu sotaque é mais forte do que nunca e cada declaração é uma pergunta.

– Não acha que é hora de desistir, Tasha? Não acha que o que está fazendo é inútil?

Ela arrasta a segunda sílaba de *inútil* por um segundo a mais que o necessário. Meu pai não diz nada. Está mudo de raiva ou impotência. Nunca sei direito o quê. A carranca é tão profunda e completa que fica difícil imaginar o rosto com outra expressão. Se fosse há alguns meses, eu ficaria triste por vê-lo assim, mas agora não me importo nem um pouco. Ele é o motivo de estarmos nessa confusão.

Peter, meu irmão de 9 anos, é o único feliz com essa reviravolta nos acontecimentos. Neste momento está arrumando a mala e ouvindo “No Woman, No Cry”, do Bob Marley. “Música das antigas para arrumar as malas”, ele disse.

Apesar de ter nascido aqui nos Estados Unidos, Peter fala que quer morar na Jamaica. Sempre foi muito tímido e tem dificuldade para fazer amigos. Deve imaginar que a Jamaica vai ser um paraíso e que, de algum modo, lá as coisas vão melhorar para ele.

Nós quatro estamos na sala do nosso apartamento de um quarto. É nela que Peter e eu dormimos. Tem dois pequenos sofás-camas que abrimos à noite e uma cortina de um azul forte no meio, para dar privacidade. Agora a cortina está aberta, de modo que dá para ver as duas metades ao mesmo tempo.

É bem fácil adivinhar qual de nós quer ir e qual quer ficar. Meu lado ainda parece bem ocupado. Meus livros estão na pequena estante da IKEA. Minha foto favorita, em que apareço com minha melhor amiga, Bev, está sobre a escrivaninha. Nós duas estamos usando óculos de proteção e fazendo

biquinho sensual para a câmera no laboratório de física. Os óculos foram ideia minha. Os biquinhos, dela. Não tirei uma única peça de roupa da minha cômoda. Nem arranquei meu pôster com o mapa estelar da Nasa. Ele é enorme – na verdade, são oito pôsteres que eu juntei com fita adesiva – e mostra todas as estrelas principais, as constelações e as partes da Via Láctea visíveis do hemisfério norte. Tem até instruções sobre como encontrar a estrela Polar e como se orientar pelas estrelas, caso a gente se perca. Os tubos que comprei para guardá-lo estão encostados na parede, ainda fechados.

No lado do Peter praticamente todas as superfícies estão vazias, a maioria de suas posses já foi colocada em caixas e malas.

Minha mãe está certa, claro: o que estou fazendo é inútil. Mesmo assim, pego meus fones de ouvido, o livro de física e uns quadrinhos. Estou com tempo livre, então vou fazer o dever de casa e ler.

Peter balança a cabeça na minha direção.

– Por que você vai levar isso? – pergunta, indicando o livro didático. – Nós vamos embora, Tasha. Você não precisa fazer o dever de casa.

Peter acabou de descobrir o poder do sarcasmo. Usa sempre que tem chance.

Não me dou o trabalho de responder, só coloco os fones e vou para a porta.

– Volto logo – digo à minha mãe.

Ela faz cara de desaprovação e se vira. Eu me lembro de que ela não está chateada comigo. *Tasha, não é com você que estou chateada, sabe?* é uma coisa que ela diz um bocadinho ultimamente. Vou ao prédio do Serviço de Imigração e Cidadania dos Estados Unidos (USCIS, na sigla em inglês), no centro de Manhattan, ver se alguém de lá pode me ajudar. Somos imigrantes ilegais e vamos ser deportados esta noite.

Hoje é minha última chance de tentar convencer alguém – ou o destino – a me ajudar a descobrir um modo de ficar nos Estados Unidos.

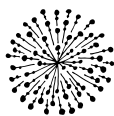
Só para esclarecer: não acredito no destino. Mas estou desesperada.



daniel

OS MOTIVOS QUE ME FAZEM ACHAR que Charles Jae Won Bae, vulgo Charlie, é um Cretino (não necessariamente nesta ordem):

1. Antes desse fracasso épico e espetacular (e completamente delicioso) em Harvard, ele era implacavelmente bom em tudo. Ninguém deveria ser bom em tudo. Matemática, inglês, biologia, química, história e esportes. Não é decente ser bom em tudo. No máximo, em três ou quatro coisas. Até mesmo isso já é forçar os limites do bom gosto.
2. Ele é o tipo de homem que os outros homens admiram, ou seja: é um cretino em boa parte do tempo. Na maior parte do tempo. O tempo todo.
3. É alto, com o maxilar marcado, esculpido e todos os outros adjetivos usados para os maxilares em todos os livros românticos. As garotas (*todas* as garotas, não só as do grupo de estudo da Bíblia coreana) dizem que os lábios dele são beijáveis.
4. Tudo isso seria ótimo – uma quantidade embaraçosa de pontos positivos, sem dúvida; um número um pouquinho grande demais de tesouros para serem concedidos a um único ser humano, certamente – se ele fosse legal. Mas não é. Charles Jae Won Bae não é legal. É metido a besta e, o pior de tudo, adora fazer bullying. É um cretino. Inveterado.
5. Ele não gosta de mim. E não gosta de mim há anos.



natasha

PONHO O CELULAR, OS FONES DE OUVIDO e a mochila na caixa cinza antes de passar pelo detector de metais. A guarda – o crachá diz que o nome dela é Irene – impede minha caixa de viajar pela esteira rolante, como fez todos os dias anteriores.

Olho para ela e não sorrio.

Ela olha para a caixa, vira meu telefone e examina a capinha, como fez todos os dias. A capinha é a ilustração de um disco do Nirvana, chamado *Nevermind*. Todo dia seus dedos se demoram no bebê da capa e todo dia detesto quando ela passa a mão nele. O vocalista do Nirvana era o Kurt Cobain. Sua voz, a corrosão que existe nela, o modo como não é perfeita, o modo como a gente sente tudo que ele já sentiu, o jeito como a voz se estica tão esgarçada que parece que ela vai se romper e não se rompe, foi a única coisa que me manteve sã desde o início deste pesadelo. Seu sofrimento é muito mais desesperançado do que o meu.

Ela está demorando à beça e não posso perder a hora marcada para a entrevista. Penso em dizer alguma coisa, mas não quero deixá-la com raiva. Provavelmente ela odeia o trabalho. Não quero dar motivo para ela me atrasar mais ainda. Ela me olha de novo, mas não dá qualquer sinal de ter me reconhecido, apesar de eu ter vindo aqui todos os dias na última semana. Para ela sou apenas mais um rosto anônimo, outra *requerente*, mais alguém que quer alguma coisa dos Estados Unidos.



irene

Uma história

NATASHA NÃO ESTÁ TOTALMENTE certa em relação a Irene. Irene adora seu trabalho. Mais do que adora: precisa dele. É praticamente o único tipo de contato humano que ela tem. É a única coisa que afasta a solidão total e desesperada.

Cada interação com esses requerentes salva pelo menos um pouquinho sua vida. A princípio, eles mal a notam. Jogam os itens na caixa e observam atentamente enquanto os objetos passam pela máquina. A maioria suspeita de que Irene vai embolsar o dinheiro trocado, uma caneta, chaves ou outra coisa qualquer. Numa situação normal o requerente jamais a notaria, mas ela se esforça para que isso aconteça. É sua única ligação com o mundo.

Por isso ela puxa cada caixa com uma única mão enluvada. A demora é longa o suficiente para que o requerente seja obrigado a levantar os olhos e encará-la. Para que veja, de fato, a pessoa à sua frente. A maioria murmura um relutante *bom-dia*, e as palavras a preenchem um pouquinho. Outros perguntam como ela está, e ela se expande um pouco mais.

Irene jamais responde. Não sabe como. Em vez disso, olha de novo para a caixa e observa cada objeto procurando pistas, algum pedaço de informação para guardar e examinar mais tarde.

Ela gostaria, mais do que tudo, de poder tirar as luvas e tocar as chaves, as carteiras e o dinheiro trocado. Gostaria de poder deslizar a ponta dos dedos pela superfície daqueles pertences, memorizar texturas e deixar que os artefatos da vida dos outros penetrassem nela. Mas não pode atrasar demais a fila. Acaba mandando a caixa e o dono para longe.

A noite passada foi particularmente ruim. A boca faminta de sua solidão queria engoli-la inteira. Nesta manhã ela precisa de contato para

salvar sua vida. Com muita dificuldade, desvia o olhar de uma caixa que se afasta e se vira para o próximo requerente.

É a garota que apareceu aqui todos os dias desta semana. Não deve ter mais de 17 anos. Como todo mundo, ela não levanta o olhar da caixa. Mantém os olhos focalizados nela, como se não suportasse ficar separada dos fones de ouvido *pink* e do celular. Irene encosta a mão enluvada na lateral da caixa para impedir que ela deslize para longe de sua vida, chegando à esteira rolante.

A garota levanta os olhos e Irene se infla. Ela parece tão desesperada quanto Irene. Irene quase sorri para ela. Em sua mente, faz exatamente isso.

Bem-vinda de volta. É um prazer ver você, diz Irene, mas só dentro de sua mente.

Na realidade, já está baixando os olhos, examinando a capinha do telefone da garota. A foto é de um bebê branco e gordinho completamente submerso em água azul-clara. O bebê está com as pernas e os braços abertos e mais parece voar do que nadar. A boca e os olhos estão abertos. Na frente dele uma nota de dólar pende de um anzol. A foto não é apropriada, e toda vez que Irene olha para ela sente necessidade de respirar mais profundamente, como se fosse ela que estivesse embaixo d'água.

Quer encontrar um motivo para confiscar o celular, mas não existe nenhum.



daniel

SEI QUAL FOI O MOMENTO EXATO em que Charlie parou de gostar de mim. Foi no verão em que fiz 6 anos e ele, 8. Ele estava em sua bicicleta nova e brilhante (vermelha, de dez marchas, maneiríssima) com seus amigos novos e brilhantes (brancos, de 10 anos, maneiríssimos). Apesar das várias dicas durante o verão inteiro, eu não tinha entendido de verdade que havia sido rebaixado a Irmão Mais Novo Chato.

Naquele dia, ele e seus amigos saíram sem mim. Fui atrás por um monte de quarteirões, gritando “Charlie”, convencido de que ele se esquecera de me chamar. Pedalei tão depressa que me cansei (garotos de 6 anos andando de bicicleta não se cansam facilmente; isso mostra quanto os persegui).

Por que não desisti, simplesmente? *Claro* que ele podia me ouvir gritando.

Até que ele parou e desceu da bicicleta. Jogou-a no chão – para que usar o descanso? – e ficou ali, parado, esperando que eu chegasse. Dava para ver que estava com raiva. Ele chutou terra na bicicleta para garantir que todo mundo percebesse isso claramente.

– *Hyung* – comecei, usando a palavra que os irmãos mais novos usam para os mais velhos.

Soube que foi um grande erro assim que falei. O rosto inteiro dele ficou vermelho: bochechas, nariz, as pontas das orelhas, tudo. Ele estava praticamente pegando fogo. Seus olhos se viraram para o ponto de onde os novos amigos nos espiavam como se estivéssemos na TV.

– Do que ele chamou você? – perguntou o mais baixo.

– É algum tipo de código coreano secreto? – completou o mais alto.

Charlie ignorou os dois e partiu para cima de mim.

– O que você está fazendo aqui?

Ele estava tão irritado que sua voz falhou um pouco.

Eu não tinha o que dizer, mas, na verdade, ele não queria uma resposta.

Queria era bater em mim. Vi isso no modo como ele fechava e abria os punhos. Vi como ele tentava calcular a encrenca em que se meteria se me batesse bem ali no parque, na frente de uns garotos que ele mal conhecia.

– Por que não arranja uns amigos e para de ficar atrás de mim que nem um bebezinho? – disse Charlie em vez disso.

Deveria ter me batido.

Ele pegou a bicicleta no chão e se estufou com tanta raiva que achei que ele ia explodir, e aí eu teria que contar a mamãe que seu filho mais velho e mais perfeito tinha explodido.

– Meu nome é Charles – disse àqueles garotos, desafiando-os a falarem mais uma palavra. – Vocês vêm ou não?

Não esperou por eles nem olhou para trás para ver se o acompanhavam. E eles o seguiram em direção ao parque, ao verão e ao ensino médio, como tantas outras pessoas o seguiriam. De algum modo eu tinha transformado meu irmão num rei.

Nunca mais chamei Charlie de *hyung*.



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br